

pensamentos não menos direta, que não coincide totalmente com a reflexão da qual depende. Mesmo a estética em si, renovada por algumas mentes brilhantes, nega hoje sua própria aplicabilidade na prática; quem já brincou com fogo e se queimou não quer mais ser normativo. O resultado foi a crítica da própria impressão e a crítica da artilharia verbal, a crítica da ressonância em conjunto e da ressonância sobre, que têm consciência da responsabilidade na confusão do saber atual.

A situação da crítica, no entanto, não é mais difícil do que a da moral. Também não nos é permitido de forma alguma conhecer as leis morais divinas e imutáveis; a moral é construída pelas pessoas em seu intercâmbio, as quais a vivenciam e complementam o restante; ainda assim, não é possível negar que ela possua um sistema que é ao mesmo tempo mutável e fixo. A crítica, nesse sentido, não tem nada a ver com a poesia, mas sim um pouco com seu entrelaçamento. Ela complementa os resultados ideológicos em uma tradição – ainda que deva ser considerada ideologicamente de forma mais ampla, que abrange também os valores expressivos das “formas” – e não permite a repetição do mesmo sem um novo sentido. Ela é interpretação da literatura, que passa pela interpretação da vida, e proteção ciumenta do nível alcançado. Tal tradução do, em parte, irracional para o racional nunca acontece plenamente; mas aquilo que é simplificação, excerto ou até mesmo lixiviação tem, juntamente com as desvantagens, a flexibilidade versátil e a grande quantidade de relações de sentido. Dessa forma, ela é menos e mais, fica em débito à vida em particularidades e lhe concede por isso algo geral como qualquer ordem ideológica. Com um saber melhor e um saber tudo essa crítica tem pouco a ver; ela pode errar, pois ela nunca se desenvolve a partir de um, mas a partir de todos os lados, do esforço de muitos, de um interminável processo de revisões; em última análise, ela se desenvolve a partir dos livros criticados em si, pois cada obra significativa tem a capacidade de derrubar tudo aquilo em que se acreditava antes dela.

Da estupidez

Trad. de Henrique Garcia¹
Rev. Gerson Roberto Neumann²

Conferência proferida em Viena, no dia 11 de março de 1937, e repetida em 17 de março seguinte, a convite da Federação Austríaca do Trabalho.

Senhoras e Senhores,

Quem quer que, hoje em dia, pretenda falar sobre a estupidez, enfrenta uma série de dificuldades: pode ser acusado de arrogante, de pretensioso ou até mesmo de querer perturbar o desenvolvimento natural da sociedade contemporânea. Como já escrevi há alguns anos: “Se a estupidez não fosse tão similar ao progresso, ao talento, à esperança e ao avanço, não seria da vontade de ninguém ser estúpido.” Isso foi escrito em 1931, e ninguém ousa duvidar de que o mundo já viu muitos progressos e avanços desde então! Assim, coloca-se aos poucos uma pergunta impostergável: que é, afinal, a estupidez?

Não gostaria de omitir o fato de que, na qualidade de escritor, conheço a estupidez há bastante tempo; com efeito, posso até afirmar que nós dois temos mantido uma relação colegialmente íntima! Porém, tão logo alguém abre os olhos no mundo das letras, encontra diante de si uma resistência difícil de descrever, e que parece ser capaz de assumir qualquer forma: seja pessoal, como na respeitável figura de um professor de literatura que, acostumado a fitar distâncias nebulosas, perde desgraçadamente o contato com o presente; seja genérica ou onipresente, como na transformação do juízo crítico em juízo comercial, dado que Deus, em sua insondável Providência, também quis conceder o dom da linguagem humana aos produtores de cinema falado. Já descrevi esse fenômeno algumas vezes, e não irei me repetir nem acrescentar nada (até porque isso

¹ Estudante do curso de Bacharelado Português/Alemão da UFRGS.

² Professor Adjunto do Setor de Alemão da UFRGS.

provavelmente seria impossível, dadas as proporções colossais que tudo tende a assumir hoje); basta salientar, de maneira definitiva, que a falta de sensibilidade artística de um povo não se revela apenas em épocas difíceis e de forma violenta, mas também em épocas tranquilas e de forma ordinária, na medida em que a opressão e a censura passam a distinguir-se somente em grau dos títulos de doutor *honoris causa*, da concessão de prêmios e das nomeações para academias.

Sempre suspeitei que essa resistência multiforme à arte e às coisas mais refinadas do espírito por parte de um povo que se preza de cultivá-las não fosse senão estupidez – talvez de um gênero especial, uma peculiar estupidez artística e até mesmo sentimental? –, que se expressasse em todo caso de tal forma que o que chamamos de beleza de espírito também fosse ao mesmo tempo uma estupidez de espírito. Ainda hoje, de fato, não vejo motivos para abandonar essa opinião. Naturalmente, não se podem reduzir à estupidez todos os fatores que contribuem para a deformação de uma atividade tão profundamente humana como a arte: como a experiência dos últimos anos nos mostrou, também é preciso levar em conta os diversos tipos de falta de caráter. No entanto, devemos rechaçar a objeção segundo a qual a estupidez não desempenha papel algum nesse caso por estar relacionada à razão e não aos sentimentos, enquanto a arte depende destes últimos. Seria um erro. Mesmo o *prazer estético* já é *juízo* e sentimento. E, se me permitem, gostaria não apenas de acrescentar a essa fórmula, que tomei emprestada de Kant, o lembrete de que o filósofo se referia a determinada faculdade do *juízo estético* e a determinado *juízo* de gosto, mas também de recapitular a seguir as antinomias a que isso leva:

Tese: o juízo de gosto não se fundamenta em conceitos, caso contrário seria possível discuti-lo (deliberar por meio de demonstração).

Antítese: o juízo de gosto se fundamenta em conceitos, caso contrário não se poderia sequer discuti-lo (buscar um consenso).

Cabe perguntar: será que um juízo semelhante, com antinomias semelhantes, também não subjaz à política e à confusão da vida em geral? E não é de esperar que, onde se encontram o juízo e a razão, também se apresentem ali suas irmãs e irmãszinhas, os diversos tipos de estupidez? Que isto sirva para mostrar a importância do assunto. Em uma obra ainda hoje fascinante e insuperável, o “Elogio da Loucura”, Erasmo de Roterdã escreveu que, a não ser por certas imbecilidades, o homem nunca teria vindo ao mundo.

Uma prova do domínio constrangedor e poderoso que a estupidez exerce sobre nós é fornecida pela surpresa amável e conspirativa de muitas pessoas quando descobrem que alguém em que tinham depositado confiança quer evocar o nome desse monstro. Essa experiência, não só a observei primeiramente em mim mesmo, como ainda descobri sua validade histórica quando, ao pesqui-

sar sobre predecessores que tivessem tratado da estupidez (dos quais encontrei pouquíssimos; parece que os sábios preferem escrever sobre a sabedoria), recebi de um douto amigo a versão impressa de uma conferência proferida em 1866 por Johann Eduard Erdmann, o discípulo de Hegel e professor na Universidade de Halle. Essa conferência, intitulada “Sobre a Estupidez”, já começa com a notícia de que provocou risadas por ocasião do seu anúncio. Tendo verificado assim que até os hegelianos riem, estou persuadido de que tal reação por parte das pessoas a quem se pretende falar sobre a estupidez tem alguma motivação especial, e sinto-me bastante inseguro, convencido como estou de ter desafiado uma força psicológica poderosa e profundamente ambivalente.

Portanto, prefiro confessar desde já meu calcanhar de Aquiles: não sei o que é a estupidez. Não elaborei nenhuma teoria sobre ela capaz de salvar o mundo; mesmo dentro dos limites do rigor científico, não encontrei nenhum estudo que a tomasse por tema, nem me deparei com algum tipo de consenso acerca da sua definição que, bem ou mal, tivesse resultado da análise de temas análogos. Pode ser que isso se deva à minha ignorância, mas é mais provável que a pergunta “Que é a estupidez?” não corresponda à nossa forma de pensar atual, assim como não lhe correspondem as perguntas sobre a natureza da bondade, da beleza ou da eletricidade. Todavia, o desejo de definir esse conceito da maneira mais sóbria possível e de responder a essa questão preliminar a toda a vida continuava atraente. Assim, também eu um dia sucumbi à tentativa de responder o que a estupidez verdadeiramente fosse, em vez de apenas descrever suas manifestações exteriores, o que talvez correspondesse mais a meu talento e vocação profissional. Mas, já que não queria tratar do tema de forma poética nem estava em condições de fazê-lo com meios científicos, escolhi o expediente mais inocente disponível e que sempre ocorre espontaneamente em tais casos: investiguei o uso da palavra *estupidez* e de seus sinônimos, procurando-lhes os exemplos mais frequentes, tentando correlacionar o que escrevia. Infelizmente, tal procedimento se assemelha um pouco a uma caçada de borboletas: durante algum tempo perseguimos, atentos, o que acreditamos estar observando; mas, uma vez que, de outras partes, se aproximam outras borboletas quase idênticas, com idênticos movimentos em ziguezague, logo não sabemos mais se ainda estamos perseguindo a mesma. Do mesmo modo, é difícil distinguir se os exemplos da família “estupidez” têm uma ligação profunda entre si ou se apenas evocam uns aos outros de maneira casual e exterior: e não será nada fácil reuni-los sob um guarda-chuva, do qual se possa afirmar que pertença verdadeiramente a alguém estúpido.

Nessas circunstâncias, é quase indiferente como se começa. Façamos, pois, de um modo qualquer, tratando imediatamente da dificuldade que consiste

no fato de que toda pessoa que queira falar sobre a estupidez ou assistir com proveito a uma discussão sobre ela deve pressupor que ela mesma não seja estúpida, manifestando assim uma pretensão de inteligência que, no entanto, geralmente é considerada um sinal de estupidez! Se se investiga o porquê de a pretensão de inteligência ser considerada estúpida, surge imediatamente uma resposta que parece estar coberta do pó dos conselhos antigos, pois sustenta que é mais prudente não mostrar-se inteligente. É provável que essa prudência extremamente pessimista, que hoje não é mais sequer compreensível à primeira vista, tenha se originado de situações em que realmente era mais vantajoso para o fraco não passar por inteligente, pois sua inteligência poderia ameaçar o mais forte. A estupidez, pelo contrário, elimina qualquer suspeita; ela “desarma”, como se diz hoje. Rastros dessa arte antiga, dessa estupidez astuta, ainda podem ser encontrados nas relações de dependência em que as forças são tão desiguais que a parte mais fraca busca salvar-se fingindo ser mais estúpida do que é, como na assim chamada astúcia do povo, nas relações do servo para com seus senhores cultos, nas do soldado para com o seu superior, nas do aluno para com seu professor e nas da criança para com seus pais. Os donos do poder se irritam menos quando os fracos não podem do que quando eles não querem. A estupidez destes os conduz até mesmo ao “desespero”, ou seja, ao que é indubitavelmente um estado de fraqueza!

Está em perfeito acordo com isso o fato de que a inteligência facilmente os “encolize”. É certo que a inteligência é valorizada nos subordinados, mas apenas na medida em que esteja atrelada à incondicional submissão. Assim que ela perde esse distintivo de bom caráter e não se sabe mais se é vantajosa para o dominador, passa a ser chamada não tanto de inteligência como de orgulho, insolência ou malícia; e então muitas vezes surge uma situação na qual ela parece afrontar a autoridade e a honra do poderoso, mesmo que não represente nenhuma ameaça real à segurança deste. Na educação, isso se traduz no fato de que um aluno talentoso e rebelde é tratado com mais severidade do que um recalitrante obtuso. Na moral, o resultado disso foi a concepção de que a vontade de um homem fosse tanto mais perversa quanto maior o conhecimento que contradiz pelos seus atos. Nem mesmo a Justiça ficou inteiramente isenta desse preconceito pessoal, avaliando de maneira especialmente severa a execução inteligente de um crime como “requintada” e “insensível”. E exemplos na política tampouco são difíceis de encontrar.

Mas a estupidez – é provável que se levante tal objeção – também pode irritar, e não é verdade que seja apaziguadora em todos os casos. De fato, ela também provoca impaciência, em casos excepcionais até mesmo crueldade; e as aberrações terríveis dessa crueldade patológica geralmente denominada de sadismo muitas vezes têm gente estúpida no papel de vítima. Evidentemente, isso se dá porque os estúpidos caem presa de cruéis com mais facilidade do que

os outros, mas também parece ter relação com o fato de que sua perceptível falta de resistência estimula ferozmente a imaginação, como o odor de sangue estimula o prazer da caça, conduzindo-a a um deserto em que a crueldade vai “longe demais”, praticamente não encontrando barreiras. Isso constitui um traço de sofrimento naquele mesmo que o inflige, é uma fraqueza embutida em sua truculência; e, embora a indignação da compaixão ofendida raramente permita notá-lo, tanto o amor quanto a crueldade exigem dois elementos que se conformem mutuamente! Naturalmente, seria muito importante discutir esse problema em vista de uma geração como a nossa, tão atormentada por sua “crueldade covarde para com os mais fracos” (suponho que seja essa a conceituação mais frequente para o sadismo); mas, considerando a argumentação em sua linha principal e depois de uma revisão rápida dos primeiros exemplos, tais comentários já são provavelmente um desvio, e a única conclusão a retirar-se deles é a seguinte: pode ser estúpido presumir-se de inteligente, mas nem sempre é inteligente ter fama de estúpido. Nada aqui pode ser generalizado – ou a única generalização admissível seria afirmar que a atitude mais sensata nesse mundo consiste em fazer-se notar o menos possível! De fato, essa conclusão já foi aduzida não poucas vezes como síntese de toda a sabedoria. No entanto, costuma-se interpretar essa conclusão misantrópica de forma apenas parcial ou simbólica e representativa, o que conduz o pensamento à esfera das regras de modéstia e de regras ainda mais abrangentes, sem que ele abandone de todo o domínio da estupidez e da inteligência.

Na verdade, muitas pessoas se consideram inteligentes, embora não o digam, seja por medo de parecerem estúpidas ou de ferirem os bons costumes. E, quando se veem forçadas a tratar do assunto, tergiversam, dizendo de si mesmas: “Não sou *mais estúpido* do que os outros”. Ainda mais comum é fazerem a seguinte observação, da forma mais objetiva e sóbria possível: “Posso dizer que tenho uma inteligência normal”. E muitas vezes a crença na própria inteligência aparece de forma implícita, como na expressão: “Não vou me deixar fazer de bobo”. Ainda mais digno de nota é o fato de que não só o próprio indivíduo se considera secretamente inteligente e dotado, mas também o homem influente, assim que alcança o poder, imediatamente diz ou manda dizer que é extremamente culto, iluminado, nobre, generoso, eleito por Deus e predestinado pela História. Também diz isso a respeito de outras pessoas, caso se sinta iluminado por seu reflexo. Tudo isso foi fossilizado em títulos e vocativos como majestade, eminência, excelência, magnificência, senhoria, entre outros, que raramente correspondem a algo vivo na consciência, mas também se manifesta em pleno vigor quando o homem de hoje em dia fala como representante da massa. Em especial, há um proletariado da alma e do espírito que não se envergonha com a soberba, tão logo encontra guarida em partidos, nações, seitas, movimentos artísticos e pode dizer “nós” em vez de “eu”.

Com uma ressalva compreensível e trivial, essa soberba também pode ser chamada de vaidade. Efetivamente, a alma de muitos povos e nações hoje parece dominada por sentimentos entre os quais a vaidade ocupa sem dúvida um lugar proeminente; por outro lado, há desde tempos imemoriais uma conexão íntima entre a estupidez e a vaidade, e talvez essa conexão nos proporcione uma indicação útil. Um estúpido geralmente aparece como vaidoso porque lhe falta a inteligência para ocultá-lo; na realidade, porém, não há necessidade disso, já que a relação entre estupidez e vaidade é imediata: um vaidoso transmite a impressão de fazer menos do que seria capaz; assemelha-se a uma máquina que deixa escapar o vapor através de uma fresta. É exatamente esse o sentido do antigo adágio segundo o qual “a estupidez e o orgulho crescem do mesmo galho”, assim como o da expressão: “a vaidade cega”. O que relacionamos com o conceito de vaidade é efetivamente a expectativa de um desempenho reduzido, já que o significado primordial da palavra “vaidoso” é quase o mesmo que “vão”. E essa redução de desempenho também é esperada quando há desempenho efetivo: afinal, vaidade e talento também se encontram frequentemente juntos, embora nesses casos tenhamos a impressão de que o desempenho poderia ser maior caso o próprio vaidoso não criasse obstáculos para si mesmo. Essa ideia persistente de um desempenho reduzido configura assim a ideia mais universal que temos de estupidez.

Entretanto, como se sabe, procura-se evitar o comportamento vaidoso, não porque possa ser estúpido, mas sobretudo – também nesse caso – porque fere a decência. “O autoelogio é fedorento”, diz um provérbio alemão, e isso indica que a jactância e o hábito de falar muito de si mesmo são considerados não apenas tolos, mas também indecentes. Se não me equivooco, as normas de decência aí violadas fazem parte dos múltiplos preceitos de discrição e distanciamento cujo objetivo é evitar conflitos motivados pela presunção, o que pressupõe sempre que esta não é menor no próximo do que em nós mesmos. Tais preceitos de distanciamento condenam também o uso de palavras demasiado sinceras, regulam formas de tratamento e saudação e impedem que as pessoas se contradigam sem pedir desculpas ou que as cartas comecem com a palavra “eu”; em suma, exigem a observância de certas regras para que não nos “aproximemos em excesso” uns dos outros. O objetivo dessas regras consiste em suavizar a comunicação, em facilitar o amor próprio e ao próximo e em conservar os relacionamentos humanos em uma temperatura amena, por assim dizer. Tais preceitos podem ser encontrados em qualquer sociedade, nas primitivas até mais do que nas altamente civilizadas. De fato, mesmo os animais, ainda que sem fala, os possuem, como é fácil deduzir de muitas de suas cerimônias. Contudo, esses preceitos de distanciamento impedem não só jactar-se como também enaltecer os outros de forma demasiado invasiva. Dizer na cara de alguém que é um gênio ou um santo é quase tão aberrante quanto dizê-lo de nós mesmos; e insultar o próximo não

é, para a sensibilidade atual, melhor do que sujar a cara e arrancar os cabelos. Satisfazemo-nos com a observação de que não somos muito mais estúpidos ou piores do que os outros, como já dito!

Em circunstâncias normais, evidentemente, é nas afirmações desmedidas e atrevidas que bate o ponto. E já que falávamos anteriormente da vaidade, pela qual povos e partidos se arvoram hoje de iluminados, convém acrescentar que a maioria hedonista – como o megalomaniaco em seus delírios – crê deter o monopólio não só da sabedoria como da virtude, acreditando-se corajosa, nobre, invencível, piedosa e bela; e que as pessoas, quando se reúnem em massas, têm uma propensão particular a fazerem coletivamente tudo o que lhes é vedado enquanto indivíduos. Esses privilégios de um “Nós” com inicial maiúscula indicam que a civilização e a domesticação crescentes dos indivíduos são compensadas hoje em dia por um embrutecimento proporcional das nações, dos Estados e dos grupos ideológicos, o que evidentemente revela um distúrbio emotivo ou do equilíbrio emotivo que no fundo precede o contraste entre *eu* e *nós* assim como qualquer forma de valorização moral. Mas – surgirá a pergunta – trata-se ainda de estupidez nesse caso? De fato, será que ela tem qualquer ligação com isso?

Caros ouvintes! Ninguém duvida disso! Mas, antes de respondermos, recuemos o fôlego com um exemplo bastante simpático. Todos nós, sobretudo os homens e, em particular, os escritores, conhecemos aquela senhora que quer contar-nos a todo custo a novela da sua vida e cuja alma parece ter se encontrado sempre em situações interessantes sem ter alcançado nunca reconhecimento – o qual, todavia, ela espera exatamente de nós. É estúpida essa senhora? Algo resultante da torrente de impressões nos sugere: sim! Entretanto, a cortesia, assim como a justiça, demanda a ressalva de que ela não o é completamente, nem sempre. Ela fala muito de si mesma, já falando, de modo geral, muito. Ela julga com bastante convicção e a propósito de tudo. É vaidosa e indiscreta. Frequentemente nos prega sermões. Sua vida sentimental é problemática, e de modo geral a própria vida lhe é ingrata. Mas também não há outros tipos de pessoas a quem se poderia aplicar tudo isso ou pelo menos a maior parte? Falar muito de si mesmo, por exemplo, também é um vício dos egoístas, dos inquietos e mesmo de certos melancólicos. Isso também se manifesta exemplarmente nos jovens, de cujo processo de amadurecimento faz parte falarem muito de si mesmos, serem vaidosos, sabichões e terem a vida desorganizada, demonstrando, em suma, os mesmos desvios da inteligência e dos bons costumes, sem que por isso sejam estúpidos ou mais estúpidos do que se espera em virtude do fato de ainda não terem chegado a ser inteligentes!

Senhoras e senhores! Os juízos da vida cotidiana e sua antropologia muitas vezes estão certos, mas também costumam errar. Eles não visam a formar uma autêntica doutrina: tudo o que representam são atos psíquicos de consentimento ou defesa. Por isso, também esse exemplo apenas nos ensina que algo pode ser estúpido, mas não precisa sê-lo necessariamente, que o significado muda

conforme o contexto em que aparece e que a estupidez está intimamente vinculada a outras coisas, sem que se encontre por nenhum lado o fio que permita desenrolar esse tecido. Mesmo a genialidade e a estupidez estão inseparavelmente unidas, e o impedimento (sob a pena de ser considerado estúpido) de falar muito e de falar muito sobre si mesmo é contornado pela humanidade de um modo curioso: por meio do escritor. O escritor pode declarar em nome da humanidade que comeu bem, ou que o sol brilha no céu; pode desnudar sua alma, revelar segredos, fazer confissões, prestar contas cruéis de seus atos (alguns escritores pelo menos o fazem!); e tudo isso como se a humanidade se desse ao luxo de uma exceção àquilo que, em outras situações, proíbe. Assim, a humanidade fala incessantemente sobre si mesma e, com a ajuda do escritor, já contou milhões de vezes as mesmas histórias e experiências, variando meramente as circunstâncias, sem ganhar com isso nenhum progresso ou incremento intelectual. Afinal, não haveria que suspeitar a presença da estupidez também no uso que se faz da literatura e na adaptação da literatura a esse uso? A mim não me parece de mau alvitre!

De qualquer forma, entre o campo de aplicação da estupidez e o da imoralidade – entendida esta última em seu sentido amplo, hoje incomum, quase equivalente à falta de espiritualidade [*Ungeistigkeit*], mas diferente da obtusidade [*Unverständigkeit*] – há uma identidade e diferença complexas. E essa relação é indubitavelmente similar ao que Johann Eduard Erdmann disse em um importante trecho de sua conferência já citada, no qual afirma que a rudeza é a “práxis da estupidez”. Segundo Erdmann, “as palavras... não são a única forma em que se expressa um estado psíquico. Este também se expressa na ação. O mesmo ocorre com a estupidez. Chamamos de rudeza não apenas ser estúpido, mas também agir como tal, isto é, cometer estupidezes” – daí a práxis da estupidez – “ou a estupidez em ação”. Essa afirmação atraente não indica senão que a estupidez é uma falha da sensibilidade, pois a rudeza é precisamente isso! De maneira que voltamos àquela “perturbação do afeto” ou do “equilíbrio afetivo” a que já aludimos sem poder esclarecê-la. Mesmo a explicação subjacente às palavras de Erdmann não coincide totalmente com a verdade, pois – independentemente de só visar o indivíduo comum e rude, opondo-o à “cultura”, e de não contemplar, portanto, todas as formas de realização da estupidez – a própria rudeza não é apenas estupidez, nem a estupidez apenas rudeza; por isso, a relação entre emotividade e inteligência quando se fundem para gerar uma “estupidez aplicada” requer ainda muitas explicações, o que torna novamente necessários alguns exemplos.

Para que o conceito de estupidez seja bem delineado, convém primeiramente refutar a concepção de que a estupidez seja exclusiva ou predominantemente

uma falta de inteligência; já assinalamos que a noção mais geral que temos da estupidez parece ser a da incompetência nas mais diversas atividades, da insuficiência física e mental em geral. Um exemplo expressivo disso encontra-se em nossos dialetos austríacos, quando se denomina um surdo – ou seja, o portador de um defeito físico – de *derisch* ou *terisch*, que provavelmente significa “törisch” [surdo] e se aproxima, portanto, da estupidez [*Torheit*]. A acusação de estupidez é popularmente usada em outras circunstâncias assim como nesse caso. Quando um atleta fracassa no momento decisivo ou comete um erro, diz: “Fiquei abobado!” ou “Não sei onde deixei a cabeça!”, ainda que a participação da cabeça na natação ou no boxe se possa qualificar de vaga. De fato, entre crianças ou esportistas, quem tem gestos desengonçados se vê tachado de estúpido, mesmo que seja Hölderlin em carne e osso. Além disso, há situações de negócios em que os que não são astutos e inescrupulosos passam por estúpidos. Em conjunto, essas são formas de estupidez ligadas a sabedorias mais antigas do que a que hoje goza de aprovação pública; e, se não me equivoco, nos tempos germânicos primitivos não apenas as concepções morais, mas também as noções de prudente, esperto e sábio – isto é, as concepções intelectuais – estavam relacionadas à guerra e à luta. Assim sendo, toda sabedoria tem sua estupidez, e até a psicologia animal descobriu em seus testes de inteligência que a todo “tipo de desempenho” se pode atribuir certo “tipo de estupidez”.

Por isso, se quiséssemos determinar a partir dessas comparações um conceito amplo de inteligência, ele seria provavelmente o de capacidade, e tudo o que é incapaz se poderia, por conseguinte, chamar de estúpido. É isso o que se observa quando uma habilidade pertencente a uma estupidez não recebe ao pé da letra o nome de inteligência. Que tipo de habilidade ocupa o primeiro lugar em um momento determinado e preenche de conteúdo o conceito de inteligência e de estupidez é algo que depende da forma de vida. Em períodos de insegurança individual, o conceito de inteligência é associado à astúcia, à violência, à sagacidade e à agilidade física, ao passo que nos períodos de uma filosofia de vida mais espiritual ou (digamos com as devidas ressalvas) “burguesa”, ele é associado ao trabalho intelectual. Mais exatamente, deveria ser o trabalho intelectual mais elevado, mas no desenrolar das coisas verificou-se a predominância da prestação intelectual [*Verstandesleistung*], que se vê inscrita no rosto vazio sob a dura frente da humanidade ativa; de maneira que hoje, como se não pudesse ser de nenhuma outra maneira, a inteligência e a estupidez se referem apenas ao raciocínio e a seus diferentes graus de competência, embora essa concepção seja mais ou menos unilateral.

A concepção geral de incapacidade unida desde o princípio à palavra “estúpido” – seja no sentido de uma incapacidade genérica, seja no de uma incapacidade específica – tem uma consequência impressionante: os termos “estúpido” e “estupidez”, uma vez que designam a incapacidade genérica, podem

substituir qualquer palavra que indique uma incapacidade específica. Esse é um dos motivos pelos quais a ofensa de estúpido está hoje tão difundida. (Sob outro ponto de vista, também é o motivo pelo qual o conceito de estupidez é tão difícil de ser delimitado, como nossos exemplos mostraram.) Basta ler as anotações à margem em novelas de certa pretensão que tenham permanecido bastante tempo no quase anonimato das livrarias: neste caso, em que o leitor está a sós com o escritor, seu juízo se expressa com frequência mediante a palavra “estúpido!” e seus equivalentes, como “imbecil!”, “absurdo!”, “estupidez inaudita!”, etc. Da mesma forma, essas são as primeiras palavras de indignação proferidas quando alguém se depara com um artista, em exposições artísticas ou representações teatrais, depois de escandalizar-se. Outra palavra que vem a propósito aqui é *kitsch*, termo predileto entre os próprios artistas para expressar um juízo imediato – sem que, ao menos pelo que eu saiba, seja possível definir seu conceito ou explicar seu uso, a não ser pelo verbo *verkitschen*, usado coloquialmente no sentido de “vender a baixo custo” ou “jogar fora”. *Kitsch* também significa, portanto, pechincha, uma mercadoria extremamente barata e descartável, e creio que seja esse sentido, transposto naturalmente ao plano intelectual, aquele que transporece na palavra toda vez que é inconscientemente empregada de maneira correta.

Dado que pechinchas e tralhas entram na palavra *kitsch*, sobretudo no sentido associado de mercadorias imprestáveis e sem valor; e, por outro lado, o conceito de invalidade, de imprestabilidade, também está presente no uso da palavra estúpido, não é exagerado sustentar que tendemos a definir como “de qualquer modo estúpido” tudo aquilo de que discordamos – especialmente quando fingimos respeitá-lo intelectual ou artisticamente! E, para definir esse “de qualquer modo”, é importante reparar que o uso das expressões de estupidez está intimamente ligado a outro uso, que abrange as igualmente imperfeitas expressões para tudo aquilo que seja vulgar e moralmente repulsivo. Isto reconduz nossa atenção a algo já observado, a saber, ao destino comum dos conceitos de “estúpido” e “indecente”. Pois não apenas *kitsch*, uma expressão estética de origem intelectual, mas também os qualificativos morais “porco!”, “asqueroso!”, “monstruoso” “doente!” e “insolente!” são críticas artísticas incisivas em estado embrionário, bem como juízos sobre a vida. No entanto, talvez essas expressões também contenham um esforço intelectual, uma nuance de significado, ainda quando usadas indistintamente; e então o último meio a que se recorre é o grito já quase mudo: “Que indecência!”, que substitui todo o resto e pode dividir o domínio sobre o mundo com o grito: “Que estupidez!”. Pois, evidentemente, esses dois termos podem substituir todos os outros, já que “estúpido” assumiu o significado de uma incapacidade genérica, e “indecente”, o de uma violação genérica dos bons costumes; e, se escutamos sorratamente o que as pessoas dizem hoje em dia umas das outras, parece que o autorretrato da humanidade,

tal como vem se desenhando involuntariamente a partir dessas fotografias de grupo recíprocas, se compõe apenas de variações em torno dessas duas palavras de cor desagradável!

Talvez valha a pena refletir sobre isso. Sem dúvida, ambas representam o nível mais básico de um juízo que ainda não chegou à maturidade, uma crítica ainda amorfa, que sente que algo está errado, mas não consegue indicar o quê. O uso dessas palavras é a pior e mais simples forma de defesa que existe, é o começo de uma resposta e ao mesmo tempo sua conclusão. Há algo nisso semelhante a um “curto-circuito” se pensamos que, independentemente do que significam, “estúpido” e “indecente” são empregados como insultos. De fato, o significado dos insultos, como se sabe, não depende tanto do seu conteúdo quanto do seu uso: é bem possível que muitos de nós amemos os burros, mas nos sentiríamos ofendidos se nos chamassem assim. O insulto não é importante pelo que representa, mas por uma mescla de imagens, sentimentos e intenções que não pode de maneira alguma ser expressa, senão apenas indicada. Note-se de passagem que esta é uma característica em comum entre eles e os clichês e estrangeirismos: parecem indispensáveis, ainda que tenham um substituto adequado. Por esse motivo, também, os insultos envolvem um quê de excitante, que se deve à sua intenção, mas não ao seu conteúdo; o modo mais claro de perceber isso talvez sejam as expressões de mofa das crianças: basta a uma criança dizer “Busch!” ou “Moritz!”³ para assim, mediante associações ocultas, conseguir enfurecer a outra.

Mas o que se diz dos palavrões, clichês, modismos e estrangeirismos também se aplica aos chistes, lugares comuns e palavras de amor: o que todos eles têm em comum, por mais diferentes que sejam, é que estão a serviço de uma emoção, e é exatamente sua imprecisão e impropriedade que lhes permite suplantar, no uso, grupos inteiros de palavras mais apropriadas, objetivas e corretas. Evidentemente, há situações na vida que exigem tais abusos, e não podemos negar-lhes o valor; mas é estúpido o que ocorre em tais casos. Essa relação pode ser estudada de modo mais claro em um exemplo frisante da perda da razão, isto é, o pânico. Quando algo atua sobre o homem de forma demasiado violenta, seja um susto ou uma pressão psíquica constante, pode ser que essa pessoa passe repentinamente a agir “sem a cabeça”. Talvez comece a gritar feito uma criança, talvez tente fugir tão cegamente de um perigo que acabe nele se precipitando. Pode ser tomada de um desejo irresistível de destruir, esbravejar ou lamentar-se. Em suma, em vez de se comportar de forma apropriada à situação, ela incorrerá num grande número de ações que, sempre em aparência, e muitas vezes em realidade, são inúteis ou inclusive contraproducentes. Esse tipo de ação nos é mais familiar sob o nome de “ataque de pânico”, mas, estendendo-se o alcance do termo, também

³ N.T. Trata-se aqui de uma referência à obra *Max und Moritz – Eine Bubengeschichte in sieben Streichen*, de Wilhelm Busch (1832-1908), publicada em 1865. Existe uma tradução para o português, de Olavo Bilac, intitulada *Juca e Chico - História de Dois Meninos em Sete Travessuras*.

se pode falar de um pânico da ira, da ganância e até mesmo da ternura; enfim, de todos os momentos em que um estado de excitação se manifesta sem conseguir acalmar-se, de forma tão agitada quanto cega e absurda. A existência de um pânico da coragem, que se distingue daquele do medo apenas por sua direção oposta, já nos foi confirmada por um homem tão corajoso como inteligente.

Psicologicamente, considera-se que o aparecimento do pânico é acompanhado de uma suspensão da inteligência, uma suspensão, de fato, de toda a faculdade racional, em cujo lugar um mecanismo espiritual mais primitivo emerge; mas pode-se bem acrescentar que, com a paralisação da razão nesses casos, o que ocorre não é tanto uma descida à ação instintiva, mas sim uma descida, através dela, a um instinto de necessidade supremo e a um tipo urgente de ação. Esse tipo de ação assume a forma de uma confusão total: é desordenado e carece aparentemente de raciocínio e qualquer outro instinto de preservação; mas seu objetivo inconsciente é substituir a qualidade da ação pela sua quantidade, e sua esperteza nada desprezível consiste na probabilidade de que, entre mil tentativas cegas fracassadas, uma acabe por atingir o alvo. Uma pessoa que perdeu a cabeça, um inseto que se debate tanto contra a vidraça da janela que por sorte encontra um vão pelo qual “se precipita” para a liberdade, não fazem, à sua maneira confusa, senão o mesmo que as técnicas de guerra de maneira mais calculada e premeditada, quando destroem um alvo com fogos e artilharia ou empregam estilhaços e granadas.

Em outras palavras, isto equivale a substituir um modo de ação intencional, com objetivo preciso, por outro maciço, e nada é mais humano do que substituir a qualidade das palavras e ações por sua quantidade. Mas no uso de palavras imprecisas há algo muito semelhante ao uso de excessivas palavras; pois, quanto mais imprecisa uma palavra, tanto maior é sua abrangência; e o mesmo se pode dizer da falta de objetividade. Se esses modos de dizer são estúpidos, serão o elo de ligação entre a estupidez e o pânico, e mesmo o uso excessivo dessa acusação e de outras similares não estará muito longe de uma tentativa de salvação psíquica com métodos arcaicos e primitivos – e, como se poderia certamente denominá-los, mórbidos. De fato: podemos reconhecer no uso justo da acusação de que algo seja verdadeiramente estúpido ou vulgar não apenas uma limitação da inteligência, mas também um impulso cego à destruição ou à fuga insensatas. Essas palavras não são apenas insultos, mas representam toda uma gama deles. Se há algo que pode ser expresso por meio delas, é algo próximo da violência física. Para retornar a exemplos já citados, pinturas são agredidas com guarda-chuvas (no lugar de quem as pintou), e livros são arremessados ao chão, como se assim pudessem perder o veneno. Mas também se verifica uma pressão debilitadora que precede essa violência e da qual esta visa a livrar: alguém “quase se sufoca” de raiva; “as palavras não são suficientes”, exceto precisamente as mais genéricas e pobres; “a voz some”, “precisa-se de fôlego”, etc. Esse é o estágio da perda da

linguagem – ou dos pensamentos – que precede a explosão! Significa um estado grave de deficiência, e a explosão se vê enfim introduzida pelo enunciado banal e profundo de que “a coisa ficou estúpida demais”. No entanto, essa coisa somos nós mesmos. Em um tempo em que se apreciam grandes energias arrebatadoras, é necessário recordar o que se assemelha tanto a ela que pode gerar até confusão.

Senhoras e Senhores! Fala-se muito hoje de uma crise de confiança da humanidade, de uma crise da confiança que nela se deposita, e que pode ser caracterizada como um pânico que está prestes a assumir o lugar da segurança de que somos capazes de tocar nossos negócios de forma livre e racional. E não nos enganemos: esses dois conceitos éticos e também ético-estéticos, a liberdade e a razão, que nos foram legados como emblemas da dignidade humana da época clássica do cosmopolitismo, já desde a metade do século XIX ou pouco depois tinham perdido a vitalidade. Caíram gradualmente “em desuso”, não se sabia mais o que “fazer” com eles e o mérito de sua atrofia coube menos a seus inimigos do que a seus amigos. Não podemos nos iludir, portanto, de que nós, ou mesmo nossos descendentes, recuperaremos essas concepções de maneira intacta; ao contrário, nossa missão e o sentido das provas a que o espírito terá de se submeter será – e esta é a missão assaz mal compreendida, repleta de dor e esperança ao mesmo tempo, de todas as gerações – a de completar com o mínimo possível de perdas a sempre necessária e tão desejada transição rumo ao novo! E quanto mais se tiver negligenciado realizar no tempo certo a transição para ideias igualmente transformadoras e fiéis ao passado, tanto mais indispensáveis serão as noções do que é verdadeiro, racional, importante, sábio – e por isso, no extremo oposto, também do que é estúpido. Mas que noção, ainda que parcial, poderemos formar da estupidez quando as próprias noções de razão e inteligência estão em decadência? Para ilustrar como as concepções mudam com o tempo, gostaria de mostrar um pequeno exemplo. Em um manual psiquiátrico muito lido outrora, a pergunta “O que é a justiça?” acompanhada da resposta “Que o *outro* seja castigado!” são aduzidas como um exemplo de estupidez. Hoje, no entanto, elas formam a base de uma concepção de Direito muito debatida. Por isso, receio que não será possível chegar nem mesmo às mais modestas conclusões sem que pelo menos se indique um núcleo independente de mudanças temporais. Daí surgem ainda algumas outras questões e observações.

Não tenho o direito de me apresentar como psicólogo, nem sequer tenciono fazê-lo, mas me parece que um pouco de atenção a essa disciplina é o primeiro expediente do qual se pode esperar obter alguma ajuda. A psicologia antiga distinguia entre sensação, vontade, sentimento e faculdade intelectual ou inteligência, e para ela estava claro que a estupidez fosse um grau inferior

de inteligência. A psicologia atual, porém, diminuiu a importância da distinção entre os diversos campos da psique, reconheceu-lhes a interdependência e a compenetração, e assim tornou muito mais difícil responder o que significa a estupidez para a psicologia. Naturalmente, também na concepção hodierna admite-se uma autonomia condicional da faculdade intelectual; mas, mesmo nas condições mais tranquilas, supõe-se que a atenção, a compreensão, a memória etc., isto é, quase tudo o que pertence à esfera da razão, depende também da disposição de ânimo. A isso se acresce, tanto na experiência prática como na espiritual, um posterior imbricamento entre a inteligência e a afetividade que é quase indissolúvel. Essa dificuldade em distinguir razão e paixão no conceito de inteligência também se reflete, naturalmente, na noção de estupidez. Se, por exemplo, a psicologia clínica descreve o pensamento dos deficientes mentais como pobre, impreciso, incapaz de abstrair, obscuro, lento, facilmente distraído, superficial, unilateral, rígido, complicado, confuso, vê-se facilmente que essas características apontam em parte para a razão, em parte para as emoções. Portanto, pode-se muito bem dizer que a estupidez e a inteligência dependem tanto da razão quanto do sentimento, ficando a cargo dos especialistas determinar se há predominância de um ou outro no caso da estupidez, por exemplo.

No dia a dia, geralmente é tido por estúpido quem é “fraco da cabeça”. Porém, há variadas formas de aberração intelectual e psíquica que podem obstruir, frustrar e confundir a tal ponto mesmo uma inteligência sã que a reduzam a um estado para cuja descrição a única palavra de que a língua dispõe é estupidez. Portanto, essa palavra abrange dois objetos fundamentalmente diferentes: uma estupidez simples e honesta e outra que, de forma um pouco paradoxal, é também sinal de inteligência. Enquanto aquela se baseia numa fraqueza de entendimento, esta se baseia num entendimento fraco apenas com respeito a algo particular, sendo este último tipo de longe o mais perigoso.

A estupidez honrada é um pouco difícil de compreender, sendo que se chama de “lerda”. É pobre em imagens e palavras, e estabaneada em sua aplicação. Prefere as coisas banais, porque o banal fica gravado na mente à força da repetição, e uma vez que algo lhe fica gravado na mente, não tenciona deixar que o removam ou analisem facilmente, nem ela mesma pretende refletir a respeito. Ela apresenta de fato muitos sinais de reserva e de melindre! É certo que muitas vezes é vaga e imprecisa no raciocínio, e frequentemente seu pensamento se paralisa diante de novas experiências, mas, em compensação, se deleita no sensível, no que é capaz de por assim dizer contar nos dedos. Em suma, é a amável “estupidez clara”, e se não fosse tão ingênua, confusa e ao mesmo tempo tão obstinada que dá até ao desespero, seria um fenômeno bem meigo.

Não resisto à oportunidade de tornar esse fenômeno mais palpável com exemplos que o ilustram também sob outros aspectos, e que retirei do “Manual de Psiquiatria” de Bleuler: um imbecil expressa a frase “o médico está à

cabeceira do enfermo” da seguinte forma: “Um homem, ele está segurando a mão de outro, que está na cama, e do lado há uma freira.” Eis a maneira como um pintor primitivo o expressaria! Uma criada não muito desperta considera uma piada de mau gosto a sugestão de que leve suas economias ao banco, onde renderiam juros: “Ninguém”, diz ela, “seria tão bobo de me pagar para guardar meu dinheiro!” Nisto se expressa uma visão cavalheiresca, uma relação para com o dinheiro que se encontrava, na minha juventude, somente em casos raros, entre velhos aristocratas! Em um terceiro imbecil, relata-se como sintoma o fato de afirmar que uma moeda de dois marcos vale menos do que uma de um marco e duas de meio marco, porque – este é seu raciocínio – quando ela é trocada, recebe-se muito pouco de troco! Espero não ser o único estúpido nesta sala que endossa cordialmente essa teoria de valor em pessoas que não prestam atenção quando trocam dinheiro!

Mas voltemos à relação com arte: a estupidez simples é muitas vezes verdadeiramente artística. Em vez de responder a um estímulo verbal com outra palavra, como já foi usual em muitos experimentos, ela responde com frases completas e, diga-se o que quiser, essas frases contêm certa poesia. Reproduzo algumas dessas respostas, antecedidas da respectiva palavra-estímulo:

“Acender: O padeiro acende a lenha.

Inverno: Consiste de neve.

Pai: Uma vez me jogou pela escada.

Casamento: Um tipo de entretenimento.

Jardim: Onde o tempo é sempre bom.

Religião: Quando se vai à igreja.

Quem foi Whilhelm Tell: Encenaram-no em uma floresta; participaram mulheres e crianças disfarçadas.

Quem foi Pedro: Aquele que cacarejou três vezes.”

A ingenuidade e concretude extraordinária dessas respostas, que substituem níveis de conceptualização mais elevados pela simples narração; a ênfase dada nesta a elementos acessórios e supérfluos; a condensação sintética, como no exemplo de São Pedro: tudo isso são recursos literários antigos, e embora eu acredite que o excesso deles, como hoje está na moda, aproxime muito o poeta do idiota, ainda assim não se pode ignorar o elemento poético neste último, e é significativo que na poesia o idiota possa aparecer representado com uma estranha complacência para com o seu espírito.

O tipo de estupidez elevado e pretensioso aparece frequentemente em franca oposição a este tipo honrado. Ela não consiste tanto na falta de inteligência como na sua falha, em razão de presumir realizações a que não tem direito; e pode ter todas as características de uma razão fraca, mas não lhe faltam tampouco as de um sentimento desequilibrado, disforme, de mobilidade irregular, em suma,

doente. Já que não existem sentimentos “normais”, nesse desvio se expressa mais exatamente uma insuficiência de colaboração entre a unilateralidade do sentimento e uma razão que não basta para controlá-la. Essa estupidez mais elevada é a autêntica enfermidade da cultura – uma cultura equivocada ou deformada, ou a desproporção entre a matéria e a forma na cultura – e descrevê-la é uma tarefa quase infinita. Ela alcança inclusive a esfera intelectual mais alta, pois, se a verdadeira estupidez é uma atriz silenciosa, a estupidez inteligente é aquela que contribui para a agitação da vida cultural, especialmente em sua instabilidade e esterilidade. Anos atrás, escrevi sobre essa forma de estupidez dizendo que “não há praticamente nenhuma ideia relevante que a estupidez não esteja em condições de utilizar, ela é ativa em todos os sentidos e pode disfarçar-se com todos os paramentos da verdade. A verdade, ao contrário, só tem um paramento para toda ocasião e um só sentido, estando assim sempre em desvantagem.” A estupidez em causa não é uma doença mental, embora seja a enfermidade mais perigosa da mente, capaz de comprometer a própria vida.

Certamente, cada um de nós deveria esquadrihá-la em si mesmo e não esperar reconhecê-la apenas em suas grandes irrupções históricas. Porém, como reconhecê-la? E qual rótulo inconfundível se pode associar-lhe? A psiquiatria indica hoje como sintoma principal dos casos que se referem a essa forma de estupidez a incapacidade de ter ordem na vida, a desistência em face de todas as tarefas que esta impõe ou a desistência súbita ao confrontar-se com uma tarefa inesperada. Também a psicologia experimental, que estuda principalmente indivíduos saudáveis, define a estupidez de maneira semelhante. “Chamamos de comportamento estúpido aquele que não leva a cabo uma tarefa para a qual todas as condições estão dadas, exceto as dependentes do indivíduo”, escreve um representante famoso de uma das mais recentes escolas dessa disciplina. Esse sintoma de incapacidade para o comportamento objetivo, de eficiência, portanto, aplica-se muito bem aos “casos” óbvios da clínica e do centro de observação de macacos, mas os “casos” livres fazem necessário acrescentar algo mais, porque o “cumprimento” correto ou equivocado da “realização” neles não é tão evidente. Em primeiro lugar, na capacidade de comportar-se sempre como se comportaria um homem animado e esforçado em tais condições está toda a profunda ambiguidade da inteligência e da estupidez, porque o comportamento “apropriado” ou “competente” pode usar a coisa pra seu proveito pessoal ou, pelo contrário, pôr-se a seu serviço, e quem faz uma coisa costuma achar estúpido quem faz a outra. (Se bem que, em sentido médico, estúpido é quem não sabe fazer nem uma nem outra). E, em segundo lugar, não se pode negar que um comportamento sugestivo e mesmo inapropriado pode ser muitas vezes indispensável porque a objetividade e a impessoalidade, a subjetividade e a impropriedade têm parentesco entre si, e por mais ridícula que seja a subjetividade irreflexiva, também é certamente impossível de viver

e mesmo de conceber um comportamento absolutamente objetivo; equilibrar ambas as coisas é uma das dificuldades fundamentais da nossa cultura. Também é possível objetar que em muitas ocasiões nem todos se comportam de forma tão prudente quanto necessário, e que, assim, todos nós somos estúpidos, se não sempre, pelo menos de vez em quando. Por isso, importa distinguir também entre o fracasso e a incapacidade, entre estupidez ocasional ou funcional e contínua ou constitucional, entre erro e falta de sentido. Esse é um dos pontos fundamentais, já que as condições de vida atuais são tão obscuras, confusas e complicadas que das estupidezes ocasionais do indivíduo pode nascer uma estupidez constitucional da comunidade. Isto nos leva, para concluir também fora do campo das qualidades pessoais, a considerar uma sociedade afetada por taras mentais. É certo que não se pode aplicar à sociedade o que se produz psicologicamente e no interior do indivíduo, como as enfermidades mentais e a própria estupidez, portanto, mas atualmente é possível falar-se de uma “imitação social de deficiências mentais”. Os exemplos a esse respeito são evidentes.

Com esses complementos, ultrapassamos novamente o âmbito da explicação psicológica. Esta nos ensina que uma mente inteligente tem certas qualidades, como clareza, precisão, riqueza, elasticidade apesar da solidez, e muitas outras que se poderiam enumerar; e que as referidas qualidades são em parte inatas, em parte adquiridas junto com os conhecimentos que se acumulam como uma espécie de habilidade ao pensar; com efeito, uma boa inteligência e uma mente ágil significam quase a mesma coisa. Para chegar até elas é preciso apenas superar a preguiça; a disposição natural também se pode educar, e a estranha expressão “esporte mental” expressa bem do que se trata aqui.

A estupidez “inteligente”, por sua vez, não se encontra tanto no contraste com o intelecto quanto no contraste com o pensamento e também com o sentimento (uma vez que por ele não se entenda uma mescla de estados sentimentais). Como os pensamentos e os sentimentos se movem juntos, mas também porque neles se expressa o mesmo indivíduo, alguns conceitos como largura, estreiteza, agilidade, simplicidade e fidelidade se podem aplicar tanto ao pensamento como ao sentimento; e, embora a conexão resultante não seja de todo clara, basta para mostrar que a razão participa também do sentimento, e que nossos sentimentos relacionam-se com a inteligência e a estupidez. Contra esse tipo de estupidez atua-se por meio do exemplo e da crítica.

A concepção aqui exposta se distingue da opinião corrente (que não está de todo equivocada, mas é unilateral) de que um sentimento profundo e sincero não só não necessitaria da razão como seria por ela tão-somente contaminado. A verdade é que, em certas pessoas simples, algumas qualidades apreciáveis

como fidelidade, constância, pureza de sentimento e quejandas se apresentam sem mescla, mas só porque a competência das outras qualidades é demasiado fraca. Encontramos anteriormente um caso extremo disso na imagem da idiotice amável. Não tenciono, com essas distinções, menosprezar a disposição bonachona e bem-intencionada – sua ausência é precisamente uma das causas fundamentais da estupidez mais elevada! –, mas o que importa aqui é antepor-lhe o conceito de significado, ainda que de forma utópica.

O significado reúne em si a verdade que podemos reconhecer na referida disposição com as qualidades de sentimento em que temos fé, para alcançar algo novo, uma compreensão, mas também uma decisão, um seguir sempre fortalecido, algo que tem um conteúdo psíquico e espiritual e “exige” um comportamento de nós e dos outros. Poderíamos dizer, por exemplo – e esta observação é relevante em conexão com a estupidez – que o significado é compreensível tanto pelo lado racional quanto pelo lado afetivo da crítica. O significado é também o oposto comum da estupidez e da rudeza, e a desproporção geral em que hoje os momentos emotivos asfixiam a razão em vez de impulsioná-la desaparece no conceito de significado. Mas chega, talvez já tenhamos dito mais do que poderíamos sustentar responsabilmente. Porque, se houvesse que acrescentar algo, seria o seguinte: que, apesar de tudo o que dissemos, não demos nenhum sinal certo de reconhecimento e distinção do significado, e não seria fácil dar sequer um satisfatório. Contudo, isto nos leva ao último e mais importante remédio contra a estupidez: a modéstia.

Todos somos estúpidos de vez em quando, e devemos agir às vezes como cegos ou semicegos; se não fosse assim, o mundo estaria acabado; e, se alguém pretendesse deduzir dos perigos da estupidez a regra: “Abstém-te de julgar e de decidir em tudo o que não compreendas completamente!”, permaneceríamos inertes. Porém, esta situação de que atualmente se fala tanto é análoga a outra, conhecida há muito no âmbito do intelecto. Como nosso saber e nossa capacidade são de fato incompletos, em todas as ciências nos vemos obrigados a emitir juízos aventurados; porém, esforçando-nos, aprendemos a reduzir o referido erro a limites conhecidos e dentro dos quais possamos corrigi-lo. Nada nos impede de transpor esse juízo e essa ação, exatos e cheios a um só tempo de humildade e de orgulho, a outros campos de nossa experiência. E creio que o princípio: “Age tão bem quanto podes e tão mal quanto deves, tendo consciência dos limites da tua ação!” já nos conduziria à metade do caminho para a criação de uma vida cheia de perspectivas positivas.

Mas, com essas observações, já termino minha argumentação que, como afirmo no princípio, não constitui senão um estudo preliminar. E, com o pé no limite, declaro que não estou em condições de ir mais além, porque com um só passo estaríamos fora do âmbito da estupidez, que até em teoria é variado e interessante, e entraríamos no da sabedoria, uma região árida e geralmente evitada pelos homens.